



ANO 22 • Nº 240 • MARÇO • 2018



# ESCOLA PARTICULAR

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

# AUTISMO



**Interação social é o  
melhor tratamento**



# ENSINAR CONTEÚDOS OU DESENVOLVER COMPETÊNCIAS?

**T**razemos diversas heranças da escola em que estudamos.

A maior parte delas de forma tão incorporada ao nosso ser que dificilmente as reconhecemos como tais. “Livro pra ser bom tem que ser grosso”; “o professor fala e o aluno ouve”; “é o professor quem decide como vai ser a aula”; são apenas algumas das verdades inquestionáveis inculcadas pela escola tradicional que acabam determinando muito da prática de diversos professores.

Talvez o paradigma que mais influencia a prática docente seja o de que o aluno deve se ocupar de aprender os conteúdos que lhes são ensinados e que um dia ele descobrirá para que eles servem. Foi isso que aconteceu conosco na escola e, mesmo sem termos descoberto até hoje a aplicação prática da maioria dos conteúdos que estudamos, essa verdade continua soando como incontestável.

A escola tradicional sempre tratou o desenvolvimento de competências como algo natural e automático. Ao aprender os conteúdos, iremos, naturalmente, desenvolver as competências. Cumprir o programa era tudo que a escola precisava fazer.

Havia a crença de que tendo estudado tudo o que constava do programa, ao defrontarmos com algum problema do mundo real, os conteúdos necessários para resolver tal situação se interconectariam e tudo estaria resolvido. Isso significa que estudamos numa escola que desconhecia o processo de desenvolvimento de competências.

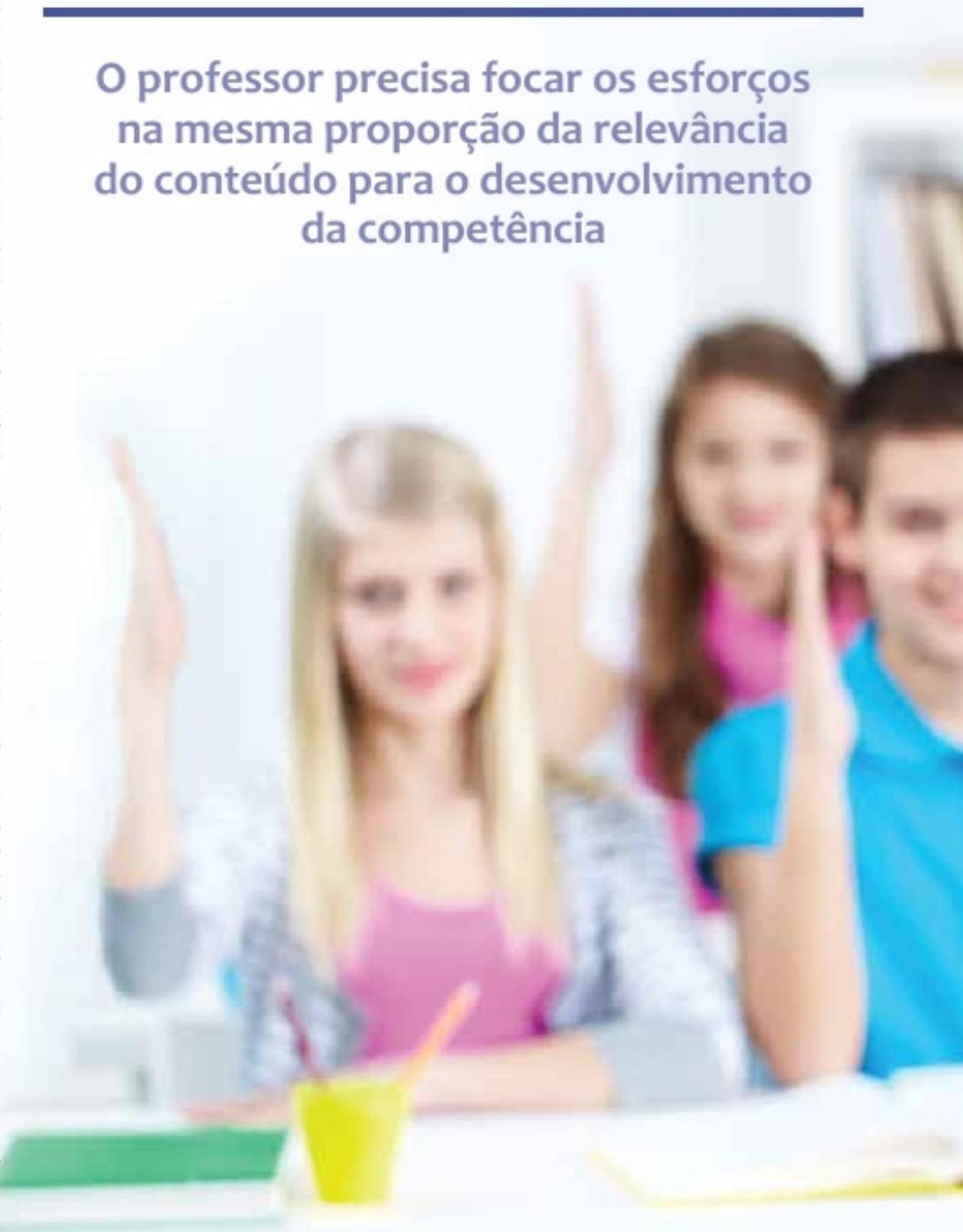
O conceito de competência é bastante discutido e refletido, em especial no contexto acadêmico, em razão da necessidade de se entender quais os elementos que a compõem e como podemos aperfeiçoar seu desenvolvimento. Competência, tomando-se por base as definições mais aceitas, é a capacidade para solucionar situações complexas que exijam conhecimentos, habilidades, experiências e atitudes de diversas naturezas. De forma mais simples, ser competente é saber fazer escolhas, decidir, mobilizar recursos e agir, diante de situações complexas.

A maioria dos autores concorda que as competências são compostas por quatro principais articuladores que são o conhecimento, a habilidade, a atitude

e a experiência. Ao contrário do que a escola nos inculcou, não basta ensinarmos conteúdos, é preciso uma ação específica no sentido de desenvolver competências e essa ação envolve, além de ensinar conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes e proporcionar uma experiência mínima. O professor precisa colocar em prática esses quatro articuladores para

que verdadeiramente desenvolva competências em seus alunos.

Ao ensinar determinado conteúdo, a primeira pergunta do professor deve ser qual a relevância do mesmo para o desenvolvimento das competências efetivamente planejadas. Qual conteúdo é mais relevante para o desenvolvimento da competência de analisar situações de



O professor precisa focar os esforços na mesma proporção da relevância do conteúdo para o desenvolvimento da competência



risco em encostas na vida real: diferentes tipos de erosão de acordo com o elemento que a desencadeia ou a vegetação como fator de fixação do solo em encostas? A partir dessa análise, o professor precisa focar os esforços na mesma proporção da relevância do conteúdo para o desenvolvimento da competência. Outra atitude fundamental no desenvolvimento de competências em sala de aula é a apresentação de situações-problemas que tenham relevância sociocultural, ou seja, que sejam as mais próximas possíveis da vida como ela é. Seguindo o exemplo, seria ensinar os conteúdos formação de solos e erosão através da análise de situações reais de deslizamentos de encostas. Outros exemplos podem ser: ensinar orientação geográfica através do uso real de bússolas e as quatro operações, fazendo compras num mercadinho simulado.

Para que auxiliem no desenvolvimento de competências, os desafios apresentados em sala de aula devem possuir algumas características essenciais. A primeira delas é, como já dito, terem relevância sociocultural. A segunda é terem nível de dificuldade compatível com o conhecimento e o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos. A terceira é serem apresentados num nível crescente de dificuldade e a quarta é evocarem conteúdos, habilidades, atitudes e experiências que levem as crianças e jovens a resolverem o problema. Para isso, as atividades desafiadoras precisam ser minuciosamente planejadas, levando em conta todas as suas características essenciais.

Levando em conta o corre-corre do dia-a-dia e a ainda (infelizmente) constante cobrança de cumprir todo o programa (ou de terminar todos os livros), precisamos nos habituar a ensinar os conteúdos e desenvolver as competências ao mesmo tempo. Precisamos, igualmente, compreender que o desenvolvimento de competências exige ações intencionais e específicas. Para que isso ocorra, é fundamental que mapeemos o que é relevante e utilizemos o tempo em sala de aula de forma proporcional às relevâncias mapeadas, sob o risco de ficarmos, por exemplo, quatro aulas falando de conceitos como “Azimuth” e “abóbada celeste” e ensinarmos o movimento de rotação da terra e suas consequências numa única aula, pelo fato da prova ser na semana seguinte. ●



**JÚLIO FURTADO**

Educador, escritor e palestrante.  
[www.juliofurtado.com.br](http://www.juliofurtado.com.br)

freepik.com